

O projecto artístico do Teatro Maizum tem privilegiado figuras e obras fundamentais da Cultura Portuguesa cuja divulgação e teatralização tem sido a prática desta Companhia ao longo dos seus 36 anos de existência.

A divulgação e valorização dessas obras e desses autores tem corporizado um projecto de Teatro Clássico, uma proposta artística que integra os níveis estético, literário, filosófico e científico. Um trabalho multidisciplinar feito espectáculo, pressupondo a vontade de "olhar o passado, para deixarmos iluminar as realidades do presente". Uma viagem entrecruzando o Teatro, a Literatura e a História, através de textos clássicos esquecidos e de outros textos reveladores da identidade cultural portuguesa.

Este caminho de reconhecer os clássicos como nossos contemporâneos, interpretando-os e interpenetrando-os com a realidade presente, tem-nos conduzido ao desenvolvimento de um trabalho de reflexão envolvendo a pesquisa, a descoberta, a experimentação e a criação teatral, especialmente a partir da dramaturgia portuguesa do século XVI, cuja finalidade tem sido a de mostrar as virtualidades teatrais desse repertório, bem como inter-relacioná-lo com as fontes greco-latinas numa perspectiva da herança cultural europeia.

www.maizum.pt

Facebook: Teatro Maizum

email: teatro@maizum.pt

Tlm.: 965060275 (Júlio Martín)

Um Auto de Gil Vicente

DE ALMEIDA GARRETT

Leitura Encenada

Lembrando os 220 anos do nascimento de Almeida Garrett (1799-1854)

Direcção Artística: Silvina Pereira



Palácio Fronteira

Largo São Domingos de Benfica 1

29 de Outubro de 2019, às 21h00

Informações e Inscrições

(limitadas à capacidade da sala: fcfa-cultura@fronteira-alorna.pt / 217 784 599)

Um Auto de Gil Vicente

de Almeida Garrett

Celebrando os 220 anos do nascimento de Almeida Garrett, o TEATRO MAIZUM recorda o papel determinante deste autor. Fundador do Teatro Nacional, do Conservatório e da Inspeção Geral dos Teatros, defensor do ensino da arte dramática e crente no seu papel civilizador, Garrett perseguiu o sonho de criar um teatro verdadeiramente nacional pelos temas, pela linguagem e pelo espírito. O que aqui se propõe é a leitura encenada da peça que é considerada como o primeiro drama romântico português: Um Auto de Gil Vicente, representado pela primeira vez em 1838.

Personagens

Pêro Safio	Miguel Vasques
Paula Vicente	Marta Kaufmann
Bernardim Ribeiro	Tiago de Almeida
El-rei Dom Manuel	Júlio Martín
Infanta Dona Beatriz	Maria Ribeiro
Gil Vicente,	Paulo Lages
Chatel, Bispo de Targa, Garcia de Resende e outros	Eduardo Frazão
Apresentação, didascálias, Conde de Vila Nova e outros	Silvina Pereira

A acção cultural e política de **Almeida Garrett** em prol do Teatro português abrange um leque vasto de contribuições, desde logo, o seu papel como dramaturgo, na organização de uma escola de teatro, na representação de um repertório português e na edificação do Teatro Nacional. Essa acção global foi ainda complementada por projectos-lei, crítica teatral e prática cénica, dando corpo à ideia de efectivação de um teatro nacional em todas as frentes, como foi possível mostrar no espectáculo *Garrett – Uma cadeira em São Bento*, estreado na Sala do Senado da Assembleia da República em Maio de 1999, e que seguiu carreira no Teatro do Palácio Foz e em digressão.

Contudo, no âmbito da crítica e recepção romântica, temos de pôr em quarentena esse afincado labor, questionando alguns pressupostos discutíveis, de Garrett e outros, e que nenhum dos seus coevos discutiu. Garrett empunhou um cânone, o seu e o do seu tempo, sacrificando desse modo todo o teatro quinhentista português, quer o auto peninsular, inclusivamente do mestre Gil, pois é sabida a ambiguidade e contradição de

A. Garrett quanto a esta produção dramática, tendo considerado ao princípio os autos como sendo “obsoletos e incapazes da cena”, quer a comédia e a tragédia classicista que foram sacrificadas na pira do gosto romântico. O resultado foi a implementação de um juízo e preconceito, que acabou por ser perpetuado no tempo e de que somos hoje herdeiros, e que enforma a nefasta ideia da inexistência de um Teatro Português.

Com este pano de fundo é muito interessante revisitar *Um Auto de Gil Vicente*, onde se vê plasmado o amor de Garrett pela arte dramática e pelos seus protagonistas.

A Peça

O enredo da peça gira em torno do tema, muito dramático, dos amores desencontrados. Pero Safio, actor e cantor da Companhia de Gil Vicente, ama Paula Vicente, mas Paula ama Bernardim Ribeiro, o poeta das “Saudades”, que por sua vez ama a Infanta Dona Beatriz, sendo este um amor correspondido, mas interdito, e para além disso ela acaba de casar e vai partir para Sabóia. Existem ainda outras situações dramáticas, como sejam as do teatro dentro do teatro, o travestismo de Bernardim no papel da moura Taís, bem como o sacrifício do amor.

O I acto passa-se em Sintra. No início da acção, Pêro Safio, um dos frequentes actores das peças de Gil Vicente, ensaia o seu texto da peça *Cortes de Júpiter*, que irá ser representado. Surge Bernardim Ribeiro a quem Safio confia que durante a representação da peça, uma moura, envergando uma máscara, irá entregar um anel a Dona Beatriz. Bernardim arquitecta o plano de assumir essa personagem para se poder aproximar da Infanta.

No II acto, desenrolado nos Paços da Ribeira, assiste-se aos preparativos da representação da peça na presença de Dom Manuel I e dos altos dignatários da Corte, entre os quais Garcia de Resende. Quando Bernardim entra em cena modifica as falas da moura, conferindo-lhes um grande lirismo.

O III acto passa-se a bordo do Galeão Santa Catarina que levará a Infanta ao seu destino. Pela madrugada ninguém descansa. A infanta despede-se de toda a comitiva para ficar só. Por intermédio de Paula Vicente, Bernardim consegue visitar Dona Beatriz a quem declara pela última vez o seu amor. Dom Manuel irrompe na cena para despedir-se da filha. Bernardim foge e atira-se ao rio. O Galeão parte para Sabóia.

Silvina Pereira